

Uma crise fora de hora

O GLOBO
13 SET 1992

pt
JOSÉ SARNEY

Há cinco anos (anote-se a velocidade dos fatos políticos), estávamos condenados a participar de dois conflitos: o Leste e Oeste, militar e estratégico, em que URSS e EUA lutavam pela hegemonia mundial; o outro, o Norte/Sul, em que o mundo desenvolvido, industrializado, dominando as conquistas da ciência e tecnologia, exercendo tutela econômica e cultural, deixava os países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento à margem da História, incapacitados de acompanhar o progresso sem vez no mundo do futuro, ocupando sem remissão a posição de proletariado de nações.

De repente, o primeiro conflito desapareceu e ficou o segundo, de forma mais aguda. E que deixamos de ter importância política, já que o conflito político acabou. Nesse quadro, a ocupação de espaços regionais passou a ser nossa única alternativa. Hoje, não temos nenhuma condição de enfrentar o conflito Norte/Sul, nações desenvolvidas e no mundo periférico da pobreza.

Eu sempre pensei num Brasil integrado à América Latina. Desde os tempos de deputado e senador lutei por essa idéia. Na Presidência da República iniciei o processo do nosso mercado comum. Não pensei somente na parte econômica e cultural, mas na parte política, sonhando que

um dia poderíamos atingir um estágio mais alto de uma comunidade de nações, conforme está consagrado na Constituição.

Os primeiros passos não foram fáceis. Como na Europa, há 40 anos, existia uma rivalidade histórica entre a França e a Alemanha, aqui, também, tínhamos os nossos atritos com a Argentina. O Mercado Comum Europeu começou com o Tratado Franco-Germânico. Aqui tínhamos que acabar com o falso antagonismo Brasil versus Argentina, que fez com que as hipóteses de guerra levantadas em nossas escolas militares fossem sobre o Cone Sul.

Em 1985, em Foz de Iguaçu, quando encontrei o presidente Raul Alfonsín, tratei do assunto com lealdade e clareza. Encontrei de sua parte uma identidade de idéias que viriam facilitar o processo. De logo, Alfonsín, num gesto histórico, rompeu a barreira das pequenas susceptibilidades e visitou Itaipu. Partiu-se o iceberg e a Ata de Cooperação de Foz de Iguaçu passou a ser um marco em nossas relações.

Na raiz desses desencontros estava o problema nuclear. Em 1983, antes da queda do regime militar argentino, o dr. Castro Madera, da CNEA, anunciou ao mundo que a Argentina dominara a tecnologia do enriquecimento do urânio. Isto abria o caminho para a desconfiança de que o próximo passo seria a produção de artefatos nucleares. O Brasil devia programar alguma coisa de espetacular para contrabalançar as forças.

Nesse clima, eu e Alfonsín resolvemos enfrentar a questão com realismo e franqueza e entrarmos na política de cooperação e não da confrontação. Os nossos interesses eram confluentes. Dominar a tecnologia nuclear para fins pacíficos. Não sermos operadores de usinas nem de caixas-pretas, mas construtores de reatores e produtores do combustível de urânio enriquecido. Mais do que as palavras, valeriam os gestos. Alfonsín me convidou para visitar em Pilcaniyeu as instalações nucleares argentinas, sem nada esconder. Esse fato era inédito no mundo. Um presidente de outro país visitando, com seus técnicos, instalações sensíveis e secretas. Correspondi ao seu gesto, levando-o a Aramar para inaugurar nossa usina de enriquecimento de urânio.

A partir desse momento as sombras foram afastadas, a integração política abria largas avenidas para uma integração total. Hoje no campo nuclear e todos os outros há um clima de cooperação, de complementação de conhecimentos e disponibilidades industriais.

Alfonsín foi o homem que a história do continente preparou para esse gesto histórico de, conosco, abrir estes novos tempos para a integração latino-americana. Tivemos a assistência e participação desse extraordinário homem público, Julio Sanguinetti, do Uruguai, protagonista em todo o processo. O Mercosul hoje, com a participação do Paraguai, se consolida. É uma política que não te-

ve paradas.

Leio que a crise brasileira alarma os nossos parceiros. É verdade que nossa balança comercial, o intercâmbio entre Brasil e Argentina, tem funcionado como dentes de serra, ora alto para um lado, ora para o outro. O desejável é um equilíbrio demonstrativo de um crescimento constante e seguro, com o funcionamento de um mecanismo regulador para evitar pânicos. Acredito que assim vai ser.

E verdade que nossa crise chegou fora de hora. Com a queda do mundo comunista, a economia mundial se contorce. Os imprevistos acontecimentos do mundo do Leste, com a eclosão desestabilizadora dos nacionalismos, colocaram em dúvida as vantagens comparativas do antigo mundo comunista com outras partes do mundo.

Era o momento de o Brasil e de toda a América Latina mostrarem que aqui era a área de paz e estabilidade, de abertura e segurança, de democracia e transparência. Infelizmente as coisas não acontecem como desejamos. E nada pior do que uma hipótese contrariada pelos fatos. Peru, Brasil e Venezuela passaram a ser áreas de turbulência.

Mas, se sairmos bem desta tragédia, é possível recuperar o instante perdido e provar, como no verso de Fernando Pessoa, "não ser doente de uma doença incurável".

José Sarney é membro da Academia Brasileira de Letras e senador pelo Amapá.